

## Uma aplicação da teoria generalizada dos papéis temáticos: Verbos psicológicos\*

Márcia Caçado  
(Rutgers University/UFMG)\*\*

**Resumo:** Os verbos chamados ‘psicológicos,’ ou seja, verbos que denotam um estado emocional e têm, obrigatoriamente, um argumento experienciador, apresentam interessantes fenômenos relacionados à seleção argumental e à ligação de anáforas. Nas sentenças construídas com esses verbos, o argumento que recebe o papel temático de experienciador pode aparecer, tanto na posição de sujeito, como na posição de objeto na estrutura superficial, parecendo ser essa escolha aleatória. Um segundo fenômeno, característico somente dos verbos com o experienciador

---

\* Este artigo era, inicialmente, um capítulo do livro sobre as relações temáticas que vinha sendo escrito por Franchi e Caçado. O livro proporia uma extensa discussão sobre relações temáticas e sintaxe, compondo-se dos seguintes manuscritos: “Predicação” (Franchi 1997), “Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos” (Franchi e Caçado 1997a), “Reexame da Noção de Hierarquia Temática” (Franchi e Caçado 1997b) e “Aplicação da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos: Verbos Psicológicos” (Caçado 1997). Parte desses manuscritos encontra-se disponível e alguns desses temas já foram revisados e desenvolvidos por mim em publicações mais recentes (Caçado 2000a e b; 2001a e b; 2002a e 2002b, em preparação). Aqui é apresentado o manuscrito completo sobre verbos psicológicos, de 1997, com algumas pequenas revisões. Este trabalho ainda mantém as idéias básicas sobre o assunto, e acredito que seja uma boa introdução ao tema. Entretanto, para o leitor que queira aprofundar-se, uma abordagem mais aprimorada está sendo desenvolvida em Caçado 2002b (em prep.), “Psych-Verbs: a Semantic Approach”, levando em consideração os resultados descritos em Caçado 2002a, “A New Approach for the Thematic Hierarchy Principle”.

\*\* Agradeço o apoio financeiro da CAPES e do CNPq.

na posição de objeto, é a ligação de anáforas de uma maneira não usual: a anáfora localizada no sujeito pode ser ligada, ou pode tomar como antecedente, o objeto desse verbo. Neste trabalho, ofereço um tratamento semântico para o comportamento desses verbos, dentro do quadro da *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*. A *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos* teve seus primeiros fundamentos em Franchi (1975), tomando seu primeiro formato em Franchi (1994a e b) e Cançado (1995a).

**Abstract:** The so-called psychological verbs (verbs that denote an emotional state and necessarily have an argument interpreted as an experiencer) exhibit an interesting behavior with respect to argument selection and anaphor binding. In the sentences in which these verbs appear, the argument that receives the experiencer theta role may show both in subject and in object position. This choice seems to be optional. A second phenomenon which is of interest is that an anaphor in subject position may be bound by the experiencer in object position. In this paper, I present an analysis of the behavior of these verbs within the framework of the *Generalized Theory of Thematic Roles* as developed in Franchi (1975, 1994a/b), and in Cançado (1995a).

**Key words:** *psychological verbs, thematic roles, argument selection, anaphor binding*

## 1. Introdução

Os verbos chamados psicológicos, ou seja, verbos que denotam um estado emocional e têm, obrigatoriamente, um argumento experienciador, apresentam interessantes fenômenos relacionados à seleção argumental. Essa característica levou Cançado (1995a e 1996), a fazer um longo estudo sobre essa classe de verbos, mostrando que alguns dos problemas relativos a eles podem ser resolvidos através de uma abordagem semântica, mais especificamente, a *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*. Essa teoria teve seus primeiros fundamentos em Franchi (1975), tomando seu primeiro formato em Franchi (1994a e b), Cançado (1995a), Franchi e Cançado (1997a e b) e Franchi (1997). Ultimamente, Cançado vem apresentando novos desenvolvimentos da teoria (*cf.* Cançado 2000a e b; 2001a e b; 2002a, 2002b em preparação). Este artigo tem, pois, a intenção de ilustrar empiricamente essas propostas.

Segundo a literatura na área, os verbos psicológicos apresentam diferentes fenômenos relacionados à organização da estrutura argumental e à ligação de anáforas. Nesses verbos, o argumento que recebe o papel temático de experienciador pode

aparecer tanto na posição de sujeito como na posição de objeto na estrutura superficial, parecendo ser essa escolha aleatória:

- (1) Mário<sub>(exp.)</sub> teme fantasmas<sub>(tema)</sub>.
- (2) Fantasmas<sub>(tema)</sub> assustam Mário<sub>(exp.)</sub>.

Nos exemplos acima, temos que em (1) a pessoa que sofre o estado emocional de medo, o experienciador, é o 'sujeito'; e em (2), a pessoa que sofre o mesmo estado emocional é o 'objeto'. Não se encontram facilmente pares sinônimos de verbos transitivos com essa alternância de argumentos:

- (3) João<sub>(ag.)</sub> quebrou o vaso<sub>(tema)</sub>.
- (4) \*O vaso<sub>(tema)</sub> ??? João<sub>(ag.)</sub>.

Um segundo fenômeno, característico somente dos verbos com o experienciador na posição de objeto, é a ligação de anáforas de uma maneira não usual; a anáfora localizada no sujeito pode ser ligada, ou pode tomar como antecedente o objeto desse verbo:

- (5) Estórias sobre si mesma<sub>i</sub> agradam muito Maria<sub>i</sub>.
- (6) Falatórios sobre si mesmo<sub>i</sub> incomodam João<sub>i</sub>.

Dentro do quadro da *Teoria da Regência e Vinculação* (Chomsky 1981), pode-se dizer que exemplos como esses violam a condição de c-comando: uma anáfora deve ser c-comandada por seu antecedente. Como afirma a literatura, essa condição funciona, sistematicamente, para outros verbos transitivos, não funcionando apenas para aqueles verbos que têm o experienciador na posição de objeto:

- (7) \*Estórias sobre si mesma<sub>i</sub> retratam Maria<sub>i</sub> muito bem.
- (8) \*Falatórios sobre si mesmo<sub>i</sub> descrevem João<sub>i</sub> melhor que uma biografia.

É devido a esse diferente comportamento que esses verbos têm sido frequentemente objeto de estudo da sintaxe e semântica.<sup>1</sup>

## 2. Propriedades sintáticas dos verbos psicológicos do português brasileiro

Em Cançado (1995a), analisei 300 verbos e a aplicação de algumas propriedades sintáticas que são tratadas pela literatura da área como relevantes para o estudo dos verbos psicológicos,<sup>2</sup> em um total aproximado de 3000 exemplos. Baseada nesse estudo, mostrei que, diferentemente do que consta da literatura, os verbos psicológicos no português brasileiro se dividem em quatro classes segundo as propriedades sintáticas apresentadas.

### 2.1 Classe 1

A Classe 1, que apresenta o experienciador na posição de sujeito, tem 48 verbos, representando 16% do total dos verbos estudados, e será representada pelo verbo '*temer*'; é também encontrada na literatura como *fear* ou *temere*.

(9) José<sub>(exp.)</sub> teme o cachorro.

As propriedades sintáticas apontadas são: não admitir construções ergativas, admitir a passiva sintática e não admitir a passiva adjetiva, admitir *pro* arbitrário como sujeito e, finalmente, admitir oração causativa encabeçada:

(10) \*O cachorro (se) teme.

---

<sup>1</sup> Ver Postal (1971); Ruwet (1972); Oliveira (1979); Pesetsky (1987); Belletti & Rizzi (1988); Baker (1988); Legendre (1989); Grimshaw (1990); van Voorst (1992); Zubizarreta (1992) e Cançado e Franchi (1999). Ver também análises sobre Grimshaw e Belletti & Rizzi, respectivamente, em Cançado (1995b e 1997).

<sup>2</sup> Para uma explicação mais detalhada sobre essas propriedades, ver Belletti & Rizzi (1988); Levin (1989); Whitaker-Franchi (1989); Grimshaw (1990) e Cançado (1995a).

- (11) a. O cachorro é temido por José.  
b. \*O cachorro ficava temido com José.
- (12) Temem o cachorro.
- (13) O amigo faz José temer o cachorro.

Além de *temer*, outros verbos que fazem parte desta classe são: *abominar, admirar, adorar, amar, cobiçar, desejar, detestar, estimar, estranhar, hostilizar, invejar, odiar, menosprezar, recear, respeitar, subestimar, sublimar, venerar, etc.*

## 2.2 Classe 2

À Classe 2, que é a mais numerosa, pertencem 130 verbos, 43% do total, e essa pode ser comparada à classe de *preoccupare* ou *frighten*<sup>3</sup> encontrada na literatura. Esta classe distingue-se da Classe 1, primeiramente, por apresentar o experienciador na posição de objeto e permitir que uma anáfora contida no sujeito seja ligada ao seu objeto:

- (14) Rosa preocupa a mãe<sub>(exp.)</sub> (com sua arrogância).
- (15) Falar de si mesma<sub>1</sub> preocupa a mãe<sub>1</sub>.

E também por admitir ergatividade, admitir passiva adjetiva, mas não admitir passiva sintática, *pro* arbitrário como sujeito e, finalmente, não admitir oração causativa encabeçada:

- (16) A mãe (se) preocupava (com a arrogância de Rosa).
- (17) a. A mãe ficava preocupada (com a arrogância de Rosa).  
b.\*A mãe foi preocupada por Rosa.
- (18) Preocupavam a mãe (com aquela arrogância).
- (19) \*O pai fazia Rosa preocupar a mãe.

---

<sup>3</sup> A tradução de *frighten* para o português, *assustar*, não se encaixa na Classe 2, mas sim na Classe 4.

Outros verbos pertencentes a esta classe são: *abalar, aborrecer, acabrunhar, afligir, alucinar, azucrinar, baratinar, chatear, comover, decepcionar, deprimir, encantar, enfeixar, escandalizar, grilar, horrorizar, inquietar, magoar, revitalizar, traumatizar, etc.*

### 2.3 Classe 3

(20) A polícia acalma a multidão<sub>(exp.)</sub> (com seus cassetetes).

A Classe 3, do verbo *acalmar*, não é apontada pela literatura. Os verbos pertencentes a ela, de acordo com a posição do experienciador, e de acordo com os problemas apresentados quanto à ligação de anáforas, deveriam encaixar-se na Classe 2. Mas achei um número suficiente de verbos, 35, 12% do total, que se comportam sintaticamente de uma maneira diferente da dos verbos da Classe 2. As propriedades observadas são: admite construções ergativas, admite a passiva sintática, mas não admite a adjetiva, admite *pro* arbitrário com sujeito e, finalmente, admite causativa encabeçada:

(21) A multidão (se) acalma (com os cassetetes da polícia).

(22) a. A multidão foi acalmada pela polícia.

b. \*A multidão ficou acalmada (com os cassetetes da polícia).

(23) Acalmaram a multidão com aquelas ameaças.

(24) O coronel fez a polícia acalmar a multidão.

Também fazem parte desta classe: *abrandar, aplacar, conquistar, derrotar, desenganar, embromar, honrar, humilhar, martirizar, pacificar, provocar, reconfortar, serenar, suavizar, tranquilizar, etc.*

### 2.4 Classe 4

A classe do verbo *animar*, que representa 29% do total com 90 verbos, também se distingue da Classe 1 por apresentar o experienciador na posição de objeto e permitir a ligação da anáfora contida no sujeito com seu objeto. Segundo a literatura, seria classificada como pertencente à Classe 2. Entretanto, esses verbos aceitam tanto

as propriedades sintáticas atribuídas à Classe 2 quanto as propriedades sintáticas atribuídas à Classe 3, dependendo para isso do evento em questão; por isso, os separei como componentes de uma classe distinta:

(25) Maria animou José (com seus argumentos).

Essa classe aceita a ergatividade, as passivas sintática e adjetiva, o *pro* arbitrário como sujeito, e também a oração causativa encabeçada:

(26) José (se) animou com os argumentos de Maria.

(27) a. José foi animado por Maria.

b. José ficou animado com os argumentos de Maria.

(28) Animaram José com aqueles argumentos.

(29) a. João fez Maria animar José com seus argumentos.

Outros verbos dessa classe são: *alarmar*, *apavorar*, *atormentar*, *consolar*, *desiludir*, *embaraçar*, *entusiasmar*, *fascinar*, *fortalecer*, *importunar*, *influenciar*, *intimidar*, *motivar*, *reanimar*, etc.

No quadro geral abaixo, pode-se ver mais claramente o contraste entre as classes e suas respectivas propriedades:

(30)

Classe 1	Classe 2	Classe 3	Classe 4
<i>temer</i>	<i>preocupar</i>	<i>acalmar</i>	<i>animar</i>
exp.-suj.	exp.-obj.	exp.-obj.	exp.-obj.
-lig. anaf	+lig. anaf	+lig. anaf	+lig. anaf
-erg	+erg	+erg	+erg
+p. sin	+p. adj	+p. sin	+p. sin/+p. adj
+pro	-pro	+pro	+/-pro
+c. enc	-c. enc	+c. enc	+/-c. enc

Concluindo, a Classe 1 distingue-se das Classes 2, 3 e 4 por apresentar o experienciador na posição de sujeito e não permitir o tipo de ligação de anáforas permitido às outras classes. As Classes 2 e 3 vão assemelhar-se quanto à posição do experienciador, ao tipo de ligação de anáforas permitida, à aceitação de construções

ergativas. Distinguem-se, todavia, quanto ao tipo de passivização, aceitação ou não do *pro* arbitrário como sujeito, e aceitação de orações causativas encabeçadas. A Classe 4 admite todas as propriedades das Classes 3 e 4. Portanto, o que se vê é que, diferentemente do que se verifica em outras línguas, o português, segundo certas propriedades sintáticas, separa os verbos psicológicos em quatro classes distintas. Dessa análise, surgem novas questões sobre esses verbos a serem examinadas, além das questões já citadas na literatura.

O que farei a seguir é examinar todas as propriedades relativas aos verbos psicológicos aqui apresentadas, dentro do quadro teórico da *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*. Mostrarei que algumas propriedades sintáticas, assim como a própria organização argumental das classes, estão diretamente ligadas à estruturação das relações semânticas existentes entre os verbos e seus argumentos.

### 3. Resumo da *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*

Antes de passarmos para a análise, faz-se necessário pelo menos um breve resumo da teoria que será utilizada. Entretanto, remeto o leitor sempre aos textos mais elaborados sobre a *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*, citados na Introdução. Os pressupostos gerais dessa proposta são:

- Assumimos, com Jackendoff (1983, 1987a e b, 1990); Chierchia (1989), e, de certo modo, Dowty (1989 e 1991), e outros, que o sentido das orações é estruturado e sujeito a um tratamento sistemático, constituindo um componente autônomo da teoria gramatical; assim como a sintaxe constitui um outro componente (*cf.* Jackendoff 1990; Culicover and Wilkins 1986, e Culicover 1988).
- Entendemos por autonomia, aqui, que a teoria é elaborada, em cada um desses componentes, com primitivos e operações próprias, em um sistema independente de princípios teóricos.
- Adotamos um princípio de projeção (*cf.* Marantz 1984) da representação semântica sobre a representação sintática, e regras de correspondência (hierarquia temática) entre essas duas representações (Jackendoff 1990).
- cremos, portanto, em que, além de uma semântica referencial, tradicionalmente construída como uma semântica de valores de verdade (ou como uma semântica de situações, como em Barwise e Perry (1983), faz sentido



pensar em uma semântica representacional, ou seja, uma semântica que lida com a estruturação das representações mentais das noções predicativas tais como agente, paciente, etc. (cf. Franchi 1975; Chierchia & Ginet 1990).

- Finalmente, assumimos a noção de Predicação Semântica, tal como formulada em Franchi (1997): “a Predicação (semântica) é, pois, uma relação de sentido entre duas expressões singulares ou, composicionalmente, entre expressões complexas (ou seja, determinada exclusivamente por propriedades semânticas dos itens lexicais e pela composição desses itens), correlata das operações sintáticas”

### *3.1 Definição de Papel Temático*

As relações temáticas, geralmente, estabelecem-se entre um verbo e seus argumentos. Por exemplo:

- (31) Paulo quebrou o vaso com um martelo.

Em (31), o verbo *quebrar* atribui o papel temático de agente a *Paulo* e de paciente a *vaso*. Há autores, como Anderson (1979), Cinque (1980), Torrego (1985), e Giorgi e Longobardi (1991), que estendem essa noção aos sintagmas nominais. Ainda Higginbotham (1985) estende a noção de papel temático aos adjetivos. Diferentemente, Franchi (1994a e 1997) assume que as relações temáticas não só se estabelecem entre todos os itens lexicais (incluindo as preposições), mas também entre expressões complexas; por isso Franchi nomeia a proposta de *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*. Assumo, juntamente com Franchi, que, entre quaisquer categorias lexicais e mesmo entre expressões complexas, que chamaremos de predicadores, estabelecem-se relações predicativas, que chamaremos de relações temáticas.<sup>4</sup> Por exemplo, em (31), o predicador complexo *quebrar o vaso com um martelo* atribui o papel de agente a *Paulo*, e somente a partir da composição de *quebrar o vaso com um martelo* podemos necessariamente atribuir agentividade a *Paulo*.

Franchi (1994a) propõe que em uma relação semântica qualquer entre um predicador – seja ele um item lexical ou uma expressão complexa – e seu argumento,

---

<sup>4</sup> Sobre uma noção mais detalhada de predicação semântica, ver Franchi (1997).

ambos se caracterizam pelo papel determinado por essa relação: ao papel do predicador chamaremos de “diátese” e ao papel do argumento chamaremos de “papel temático”.

A diátese de um predicador é construída em um esquema relacional complexo em que entram vários argumentos. Essa diátese dependerá do número de argumentos que toma, que distingue, por exemplo, *matar* (cuja rede temática inclui um agente e um paciente) de *morrer* (que inclui somente um paciente). Também dependerá da qualidade dos papéis temáticos associados a seus argumentos; assim, *matar* e *temer* possuem o mesmo número de argumentos, mas se distinguem porque a rede temática de *temer* atribui a seus argumentos os papéis de experienciador e objetivo.

Quanto aos papéis temáticos, vemos que a definição estabelecida ainda se encontra em um nível bastante abstrato, deixando em aberto uma questão empírica: dado um certo predicador, como determinar o conteúdo semântico específico das relações estabelecidas entre ele e seus argumentos?

### *3.1.1 O Conteúdo Semântico dos Papéis Temáticos*

Dowty (1989), informalmente, entende que o conteúdo semântico dos papéis temáticos se define a partir da família de acarretamentos<sup>5</sup> partilhados por argumentos da mesma posição sintática aberta por um verbo. Reformulando essa proposta parcialmente, Franchi (1994a e 1997) fala de argumentos (de expressões predicadoras) e não de verbos. Primeiro, para incluir nesse termo os itens lexicais que entram em relações predicativas, independentemente da categoria sintática em que se manifestam (nome, verbo, adjetivo/advérbio, preposição); segundo, para dar conta do processo composicional que reconstrói o sentido das expressões complexas. Prosseguindo a definição de Dowty, agora reformulada para predicadores, primeiramente, se define um papel temático individual como sendo o conjunto de todas as propriedades que se podem atribuir ao indivíduo através dos possíveis acarretamentos das expressões predicadoras. Em termos formais, temos:

#### (32) Papel Temático Individual

---

<sup>5</sup> A noção de acarretamentos é dada por: se A é verdade, B é necessariamente verdade (Chierchia e McConnel-Ginet 1990).

Na descrição de um evento, seja um predicado  $\delta$  de n-posições argumentais  $\phi$ , e um argumento  $x_i$  desse predicador referindo-se ao indivíduo participante do evento: um papel temático individual  $\langle \delta, i \rangle$  é determinado pelo conjunto de todas as propriedades a que se podem atribuir ao indivíduo  $t$  tais que se efetiva o acarretamento

$$[ \delta[x_1, \dots, x_i, \dots, x_n] \rightarrow \alpha(x_i) ]$$

No exemplo:

(33) João beijou Maria.

Podemos nos referir ao papel temático individual como o conjunto de acarretamentos possíveis atribuídos a João pela expressão predicadora *beijou Maria*. Portanto, se é verdade que *João beijou Maria*, é verdade que:

- (34) a. João tem controle sobre a ação de beijar;
- b. João agiu de um certo modo intencionalmente;
- c. João desencadeou a ação de beijar;
- d. João tem boca;
- e. João tocou Maria; etc.

Em um segundo passo, define-se um papel temático-tipo como sendo uma interseção entre os acarretamentos que são comuns a todos os papéis temáticos individuais de argumentos de diferentes predicadores. Formalmente, temos:

(35) Papel Temático-Tipo

Seja um conjunto  $T$  de pares  $\langle \delta, i_g \rangle$  em que  $\delta$  é um predicador de n-posições argumentais e  $i_g$  o índice de um de seus argumentos (possivelmente um diferente  $i$  para cada predicador): um papel temático-tipo  $t$  é a interseção de todos os papéis temáticos individuais determinados por  $T$ .

Compare o grupo de verbos abaixo:

(36) João beijou, assassinou, empurrou, atirou...

Em (36), temos a interseção dos acarretamentos comuns atribuídos ao argumento *João* como sendo o papel temático-tipo. Ou seja, o papel temático-tipo, ou somente papel temático daqui para frente, é o conjunto de acarretamentos que são comuns a todos os papéis temáticos individuais do argumento *João* dos diferentes predicadores; por exemplo, ter controle, desencadear um processo, ter iniciativa, etc. Os papéis temáticos assim caracterizados têm, portanto, um caráter derivado e não são termos primitivos da teoria, como o eram nas *Gramáticas de Caso* (Fillmore 1968).

O que tem estatuto teórico são as propriedades acarretadas pela relação dos predicadores e seus argumentos. Termos como “agente”, “paciente”, “experenciador”, etc., dentro dessa perspectiva teórica, são meramente descritivos, e serão usados como uma maneira prática para distinguir os argumentos em uma estrutura semântica. Por exemplo, o papel temático atribuído a *João*, em (13), poderíamos rotular de agente, referindo-nos a certos papéis temáticos prototípicos, mais frequentemente associados a um grande número de predicadores. Pode-se fazer um paralelo desse uso com o que se faz de termos como ‘sujeito’, ‘objeto’, para designar relações estruturais entre um verbo e seus argumentos na representação sintática.

Entretanto, como observa Dowty, a definição de papel temático é dada como a interseção de qualquer conjunto de papéis temáticos individuais. Isso ainda nos deixa um problema: os propósitos teóricos a que visamos pressupõem um sistema de papéis temáticos específicos, ou seja, a caracterização empírica do sistema de papéis temáticos do português brasileiro, relevantes para uma teoria gramatical; temos, pois, que definir esse sistema. Na verdade, temos que definir os acarretamentos que determinam propriedades semânticas dos argumentos que são relevantes para a explicação de certas generalizações gramaticais, como, por exemplo, a ligação entre a semântica e sintaxe, ou seja, a chamada hierarquia temática.

Em Cançado (2002a), baseada em um estudo empírico envolvendo aproximadamente 800 verbos (Cançado 1995a, Moreira 2000 e Silva 2002), proponho que, basicamente, para o português brasileiro temos quatro propriedades relevantes gramaticalmente:

- desencadeador, que é a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando ele tem algum papel no desenrolar do começo do processo;
- afetado, que é a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando ele muda de um estado A para um estado B;

- estado, que é a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando ele não é nem o desencadeador do processo, nem é afetado pelo processo (aí também se encontram os locativos (ver, sobre estativos e locativos, Moreira 2000 e Silva 2002, respectivamente);
- controle, que é a propriedade acarretada pelo predicador a um de seus argumentos quando ele tem a capacidade de começar o processo, interromper o processo, ou interromper o estado. Essa propriedade sempre aparece associada a uma das três listadas acima.

Em resumo, podemos entender o papel temático como sendo um grupo de propriedades acarretadas pela relação do predicador com seu argumento. Esse grupo pode se compor de inúmeras propriedades. Entretanto, somente algumas têm estatuto teórico, ou seja, são relevantes gramaticalmente.

Para o português brasileiro, em uma análise empírica, encontramos quatro propriedades consideradas relevantes gramaticalmente: desencadeador, afetado, estado e controle. Portanto, para a análise dos verbos psicológicos apresentada aqui serão usadas essas quatro propriedades.

## 4. Uma Análise Teórica para os Verbos Psicológicos

### 4.1 Rede Temática e Estrutura Sintática

Como já foi mostrado, um dos problemas em relação aos verbos psicológicos, apontado pela literatura, é a inversão dos papéis tema/experienciador na realização sintática. Vejamos, então, como esse problema é tratado dentro da nossa proposta.

#### 4.1.1 Classe 1 – *Temer*

Tomemos, em (37), o exemplo (9):

(37) José teme o cachorro.

O predicador *temer* acarreta a seu argumento *José* que ele está em um determinado estado psicológico. Porém, existem certos eventos psicológicos, como em (37),

que, sintaticamente, se manifestam como o experienciador tendo o controle sobre o estado ou processo em que se encontra. Notem que as sentenças abaixo acarretam controle para o experienciador:

- (38) a. José não vai mais temer cachorros; ele se prometeu.  
b. Maria não vai mais amar José; ela se prometeu.

Entretanto, nem sempre o controle está presente em eventos psicológicos desse tipo, reforçando assim a hipótese de que o experienciador é somente uma rubrica para nomear vários tipos de papéis temáticos que têm em comum o acarretamento de estar em determinado estado psicológico; também se reforça a hipótese de que o sentido somente se dá composicionalmente (*amar a festa* tem acarretamentos distintos de *amar Maria*):

- (39) a. Sam amou a festa.  
b. \*Sam não vai mais amar a festa.

Em relação à posição de complemento, vemos que o argumento-objeto não desencadeia um processo e nem é afetado por um processo, portanto, ele só pode ser um estativo, ou mais especificamente, ele é um objeto em relação ao qual se caracteriza o estado do sujeito. Concluindo, temos que os verbos da Classe 1 têm como representação lexical:

- (40) CLASSE 1: V, { Estado Psicológico (Controle), Objeto Estativo }<sup>6</sup>

#### 4.1.2 Classe 2 – Preocupar

Retomando o exemplo (14), em (41):

- (41) A arrogância de Rosa preocupa a mãe.

---

<sup>6</sup> Os parênteses na propriedade de controle indicam a possibilidade da ocorrência, e, não necessariamente, um acarretamento.

O verbo *preocupar* e os de sua classe acarretam ao seu argumento na posição de sujeito a propriedade de ter um papel no desencadeamento do processo, ou seja, ele tem como papel temático a propriedade de ser o desencadeador do processo.<sup>7</sup> É importante ressaltar que *preocupar* não acarreta para esse argumento qualquer controle sobre esse processo. Na verdade, o controle se encontra no argumento experienciador, localizado na posição de objeto, confirmando a afirmação acima de que certos experienciadores têm controle sobre seus estados ou processos. Podemos ilustrar o possível controle do argumento *a mãe* em (42):

- (42) a. A arrogância de Rosa não vai mais preocupar a mãe; ela, se prometeu.

Além de ser compatível com o controle, o argumento localizado na posição de objeto entra em uma relação de acarretamento com o seu predicador de ser afetado em seu estado psicológico. A representação lexical dos verbos desta classe é:

- (43) CLASSE 2: V, {desencadeador, afetado psicologicamente (controle)}

#### 4.1.3 Classe 3 – *Acalmar*

Os verbos do tipo *acalmar* são apresentados na literatura como pertencentes à classe de *preocupar*. Vimos, porém, que os testes sintáticos mostram que esses verbos formam uma classe bem distinta. Por isso, supus que essa classe também apresentaria

---

<sup>7</sup> Diferentemente da proposta aqui apresentada, Belletti e Rizzi (1989) consideram o argumento que ocupa a posição de sujeito em (41) um tema. Cançado (1997) dá razões suficientes para rejeitar essa proposta, sobretudo pelo caráter não específico de tema no uso localista-gerativista. Também Grimshaw (1990) propõe uma análise em dois *tiers*, associando ao papel temático tema na dimensão temática um papel causa na dimensão aspectual. Cançado (1995b) levanta suficientes dúvidas à teoria da proeminência da autora, particularmente, mostrando, além de outros aspectos teóricos, que a natureza da causa encontrada por ela não poderia ser aspectual, e sim, temática. E também que a teoria não consegue distinguir verbos das classes *preocupar* e *acalmar*.

uma rede temática distinta da anterior; o que se confirmou na análise. Vejamos os exemplos:

- (44) a. A polícia acalmou a multidão com seus cassetetes.
- b. Os cassetetes da polícia acalmaram a multidão.
- c. A chegada da polícia acalmou a multidão.

Extraíndo os acarretamentos decorrentes da relação de *acalmar* com o argumento *polícia* em (44)a, vemos que não somente se pode dizer que *polícia* tem papel no desencadeamento do processo, mas ainda que tem controle sobre esse processo. Em (44)b e c, entretanto, vemos que o controle não é um acarretamento presente, e que os acarretamentos presentes são respectivamente ser o instrumento pelo qual se dá o processo e desencadear o processo indiretamente. Portanto, os argumentos na posição de sujeito dos verbos da classe de *acalmar* são necessariamente desencadeadores compatíveis com controle.

Observem que o controle nessa classe encontra-se na posição do sujeito, associado ao desencadeamento do processo, diferentemente da Classe 2, em que o controle encontra-se associado ao experienciador. É importante notar que a compatibilidade do controle com o desencadeador distingue semanticamente (41) de (44). Vejamos:

- (45) a. \*Rosa não vai mais preocupar a mãe com a sua arrogância.
- b. \*Rosa, com sua arrogância, é que possibilitou/permitiu preocupar a mãe.
- (46) a. A polícia não vai mais acalmar a multidão com seus cassetetes.
- b. A polícia, com sua chegada, é que possibilitou/permitiu acalmar a multidão.

Quanto ao segundo argumento, basta dizer que acarreta ser afetado por um processo, pois nessa classe o controle se encontra no desencadeador; é fácil notar:

- (47) \*A chegada da polícia não vai mais acalmar José<sub>i</sub>; ele<sub>i</sub> se prometeu.

Portanto, temos como representação lexical para a Classe 3:



- (48) CLASSE 3: V, {desencadeador (controle), afetado psicologicamente}

#### 4.1.4 Classe 4 – Animar

E, finalmente, temos a classe dos verbos do tipo *animar*, que possui as propriedades de ambas as classes anteriores. É importante notar que as propriedades se manifestam de acordo com o acarretamento presente. Se temos o acarretamento de estar o desencadeador do processo com controle presente no argumento externo, como em (49)a, abaixo, temos as propriedades da Classe 3, e, portanto, a mesma representação lexical. As sentenças em (49)b e c mostram que o controle está no sujeito desencadeador:

- (49) a. Maria animou José com um chá.  
b. Maria não vai mais animar José; ela cansou.  
c. \*José não vai mais se animar com o chá da Maria; ele se prometeu.

Entretanto, se os acarretamentos presentes no argumento interno forem “ser afetado em seu estado psicológico” e “ter controle sobre esse processo”, como em (50), temos a representação da Classe 2:

- (50) a. A beleza de Maria animou José.  
b. A beleza de Maria não vai mais animar José; ele se prometeu.

Isso nos leva a propor a seguinte representação lexical para esta classe:

- (51) CLASSE 4: V, {desencadeador (controle), afetado psicologicamente (controle) }

Em síntese, teríamos as seguintes representações para as quatro classes:

- (52) a. CLASSE 1: V, { estado psicológico (controle), objeto estativo }  
b. CLASSE 2: V, {desencadeador, afetado psic. (controle) }

- c. CLASSE 3: V, {desencadeador(controle), afetado psic.}
- d. CLASSE 4: V, {desencadeador (controle), afetado psic. (controle)}

#### 4.1.5 A Hierarquia Temática

Se assumimos a teoria aqui proposta, temos as redes temáticas acima para as quatro classes de verbos psicológicos encontradas no português brasileiro. Constatamos que, ao contrário do que afirma a literatura, os verbos psicológicos não apresentam alternância dos mesmos papéis temáticos na estruturação sintática das várias classes, mas papéis temáticos distintos para cada classe. E, se assumimos um princípio de ligação entre a sintaxe e a semântica, que organize a estruturação das sentenças a partir de propriedades semânticas associadas aos argumentos, chegamos a um resultado bem simples para as diferentes redes temáticas apresentadas pelos verbos psicológicos. Trata-se, na realidade, de estabelecer uma relação entre esses diferentes papéis temáticos e as distintas posições sintáticas que eles adquirem. Deixe-me esclarecer, pois, o princípio que estabelece essa relação sintaxe/semântica, ou seja, o Princípio da Hierarquia Temática.

O Princípio da Hierarquia Temática é assumido na literatura lingüística como sendo o princípio que estabelece a correspondência entre a estrutura semântica, ou papéis temáticos, e a estruturação sintática, ou funções gramaticais. Acredita-se que existe uma ordem hierárquica entre os papéis temáticos que privilegia a posição de sujeito. Muitos foram os estudos sobre a Hierarquia Temática.<sup>8</sup> Entretanto, os resultados obtidos são bem divergentes entre si, apesar de a hierarquia ser pressuposta universal. Parece-me que esse fato se deve, principalmente, às definições vagas e não rigorosas dos papéis temáticos.

Na busca de um resultado mais rigoroso para a hierarquia, dentro do quadro teórico da *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*, foi trilhado um longo caminho. O Princípio da Hierarquia Temática teve seus primeiros fundamentos, como já se afir-

---

<sup>8</sup> Diferentes propostas e uma vasta argumentação a favor de uma hierarquia temática pode ser vista em Jackendoff (1972), (1976), (1983 e 1990); Fillmore (1968); Anderson (1979); Marantz (1984); Foley & Van Valin (1984); Carrier-Duncan (1985); Grimshaw (1990); Bresnan e Kanerva (1989); Hudson (1992). Uma referência à hierarquia teórica em explicações sintáticas também se têm feito na literatura gerativista; v. por exemplo, Giorgi (1984).

mou, em Franchi (1994b) e Cançado (1995a). Em Franchi e Cançado (1997b), propusemos uma versão ampliada da hierarquia estabelecida somente para os verbos psicológicos em Cançado (1995a). Posteriormente, Cançado (2000a) propôs uma nova versão da hierarquia, utilizando propriedades semânticas, e não mais papéis temáticos, como é o usual na literatura. Essa hierarquia já apresenta um caráter mais rigoroso, pois lida somente com propriedades associadas aos acarretamentos que compõem os papéis temáticos, evitando, assim, as inúmeras e divergentes definições dadas aos papéis temáticos. Em Cançado (2001b), uma nova organização da hierarquia é assumida para o português brasileiro. Parte desse trabalho é baseada em novos dados propostos por Moreira (2000) e Silva (2002). E, finalmente, a hierarquia assumiu sua última versão, mais abrangente, em Cançado (2002a). Apresentarei, aqui, algumas das idéias encontradas em Cançado (2002a), pertinentes para a solução dos problemas relativos aos verbos psicológicos.

O Princípio da Hierarquia Temática estabelece a ligação entre as propriedades inscritas na rede temática de um predicador e as posições sintáticas de argumento interno e externo. Baseando-nos na hierarquia proposta em (53), temos: o argumento de um predicador que tiver como parte de seu papel temático a propriedade mais proeminente na hierarquia vai para a posição de argumento externo (sujeito); o argumento de um predicador que tiver como parte de seu papel temático a segunda propriedade mais proeminente da hierarquia vai para a posição de argumento interno (objeto):

- (53) desencadeador/controlado > desencadeador > afetado/controlado > afetado > estado/controlado > estado

De posse desse princípio, podemos constatar que a organização das redes temáticas propostas para os verbos psicológicos realmente é prevista pela hierarquia em (53). Repetindo (52), temos:

- (54) a. CLASSE 1: V, { estado psicológico (controlado), objeto estativo }  
b. CLASSE 2: V, { desencadeador, afetado psic. (controlado) }  
c. CLASSE 3: V, { desencadeador (controlado), afetado psic. }  
d. CLASSE 4: V, { desencadeador (controlado), afetado psic. (controlado) }

Na Classe 1 temos o estado com controle na posição de sujeito e o objeto estativo, ou seja, estado na posição de objeto. Como é previsto na hierarquia em (53):

(55) José<sub>(estado/control)</sub> teme o cachorro<sub>(estado)</sub>.

Para a Classe 2 temos o desencadeador na posição de sujeito e o afetado com controle na posição de objeto. Também como é previsto pela hierarquia:

(56) A arrogância de Rosa<sub>(desencadeador)</sub> preocupa a mãe<sub>(afetado/control)</sub>.

A Classe 3 apresenta o desencadeador com controle na posição de sujeito e o afetado na posição de objeto, de acordo com (53):

(57) A polícia<sub>(desencadeador/control)</sub> acalma a multidão<sub>(control)</sub>.

E, por fim, a Classe 4 que tem um desencadeador com controle na posição de sujeito e afetado na posição de objeto. Ou um desencadeador na posição de sujeito e um afetado com controle na posição de objeto, como previsto pela hierarquia:

(58) Maria<sub>(desencadeador/control)</sub> anima José<sub>(afetado)</sub>.

(59) A beleza de Maria<sub>(desencadeador)</sub> anima José<sub>(afetado/control)</sub>.

Portanto, dentro da proposta apresentada, os verbos psicológicos não apresentam inversão de tema/experienciador em posições sintáticas diferentes, mas sim diferentes papéis temáticos que seguem uma hierarquia estabelecida para a estruturação sintática das sentenças. Ênfase novamente que, em realidade, o tema é apenas um papel *default*, usado para vários papéis distintos, e que não existe um único papel experienciador, mas diferentes grupos de acarretamentos que têm em comum a propriedade psicológica: estado psicológico com controle, estado psicológico, afetado psicologicamente com controle, afetado psicologicamente.

#### *4.2 Ligação de Anáforas*

O segundo problema apresentado na literatura é o fenômeno da ligação excepcional de anáforas, tratado extensamente em Cançado e Franchi (1999). Vejamos um exemplo:

(60) Estórias sobre si mesma, preocupam/acalmam/animam Maria,

Em (60), temos o reflexivo que está vinculado a um complemento-experienciador, sem que entre anáfora e antecedente se estabeleça uma relação de comando. Esta possibilidade está limitada aos verbos das Classes 2, 3 e 4. Este fato foi a motivação mais forte da proposta de Belletti e Rizzi (1989) para os verbos psicológicos. Mas, na realidade, com a análise dos dados do português, o que ficou claro é que a ligação excepcional da anáfora não tem qualquer relação com o fato de o verbo ser psicológico. Vejamos, então, alguns exemplos que corroboram essa afirmação:

(61) A consciência de si próprio ajuda muito o professor.

(62) A severa disciplina consigo mesmo torna Paulo um professor autoritário.

(63) A insegurança em si mesmo levou João à falência.

(64) A excessiva confiança em si mesmo custou a vida de Sam.

O que aproxima essas orações aos verbos das Classes 2, 3 e 4, é o fato de o argumento-sujeito se caracterizar tematicamente como desencadeador. Estivemos tentados a propor uma hipótese explorando a proeminência do desencadeador na Hierarquia Temática. Mas essa hipótese não resistiu aos contra-exemplos. Há outros predicadores que podem selecionar um sintagma complexo na posição de sujeito, sem que lhe seja associada a propriedade semântica de desencadeador:

(65) A confiança em si mesmo é a virtude mais evidente de João.

(66) O descuido consigo mesmo se inclui entre os vários defeitos de Sam.

(67) As estórias sobre si mesmo têm a aprovação do vaidoso mestre.

Dada a enorme variedade dos papéis temáticos envolvidos, qualquer hipótese que envolva uma noção como a de Hierarquia Temática não se sustentaria, remetendo-nos assim de volta à teoria da vinculação para explicar a ligação excepcional da anáfora. Como, porém, não estão envolvidas as propriedades específicas dos verbos psicológicos, não tentarei aqui uma solução, pois estaria fora do escopo deste trabalho.

### 4.3 Outras Propriedades Sintáticas

#### 4.3.1 Ergativização

A ergativização é uma propriedade sintática que ocorre com verbos transitivos diretos, assim como a passiva, em que o sujeito da sentença é omitido, deixando vaga a primeira posição argumental, e levando para essa posição o argumento interno; note-se que, para haver esse processo, é necessário que o evento descrito permaneça o mesmo, sendo omitido apenas o agente desse evento. Entretanto não são todos os verbos transitivos que apresentam tal propriedade. Vejamos os exemplos abaixo:

- (68) a. José quebrou o vaso de barro.  
b. José encheu o vaso de barro com terra vegetal.  
c. José modelou um vaso de barro.  
d. José colocava o vaso de barro na estante.

- (69) a. O vaso de barro quebrou.  
b. O vaso de barro encheu com terra vegetal.  
c. \*O vaso de barro modelou.  
d. \*O vaso de barro colocou.

A sintaxe não tem nenhuma explicação para as não-ocorrências em (c) e (d). Revendo a hipótese de Whitaker-Franchi (1989) dentro do quadro teórico aqui apresentado, o que barra as frases em (69)c e d são as seguintes condições semânticas:

- a ergativização não é possível quando o verbo tem como propriedades acarretadas (necessariamente) para seu argumento externo ser desencadeador do processo com controle;

- ela só ocorre quando o argumento interno tem como propriedade acarretada ser afetado pelo processo.

Retomemos as redes temáticas das classes estudadas:

- (70) a. CLASSE 1: V, {estado psicológico (controle), objeto estativo}
- b. CLASSE 2: V, {desencadeador, afetado psic. (controle)}
- c. CLASSE 3: V, {desencadeador (controle), afetado psic.}
- d. CLASSE 4: V, {desencadeador (controle), afetado psic. (controle)}

Aplicando essas restrições às classes estudadas, podemos prever que a Classe 1 não permite o processo de ergativização pois não tem um afetado na posição de argumento interno:

- (71) \*José se teme.

A Classe 2 permite a ergativização segundo a sua rede temática, pois tem um afetado na posição de argumento externo e não tem um desencadeador com controle na posição de argumento externo:

- (72) A mãe (se) preocupa.

A Classe 3 também permite a ergativização segundo a sua rede temática, pois tem um afetado na posição de argumento interno e não necessariamente tem um desencadeador com controle na posição de argumento externo:

- (73) A multidão (se) acalma.

A Classe 4, como é a ocorrência das duas últimas classes, obviamente também aceita a ergativização:

- (74) José (se) animou.

Portanto, pelo exposto, podemos prever a partir da ocorrência de certas propriedades semânticas na rede temática dos predicadores, a possibilidade ou não de ocorrência do processo de ergativização.

### 4.3.2 *Passivas*

Imaginemos que, por razões discursivas ou pragmáticas, se deseje alterar a Hierarquia Temática, ou para alterar a topicalidade dos argumentos, ou para tornar implícito o argumento tematicamente proeminente. A morfologia e a sintaxe nos oferecem o recurso da construção passiva analítica, utilizando-se do particípio passado adjetival e de um verbo auxiliar, suporte das categorias funcionais de tempo, aspecto, como “ser”, “ficar” etc.

No caso dos verbos psicológicos, as Classes 1, 2, 3 e 4 mostram diferente aceitabilidade dessas construções. Voltemos aos exemplos:

- (75) a. O cachorro é temido por José.  
b. \*O cachorro ficou temido por José.
- (76) a. \*A mãe é preocupada por Rosa.  
b. A mãe ficou preocupada com Rosa.
- (77) a. A multidão é acalmada pela polícia.  
b. \*A multidão ficou acalmada com a polícia.
- (78) a. José é animado por Maria.  
b. José ficou animado com Maria.

Como explicar esses contrastes? A impossibilidade da passiva sintática com verbos da classe *preocupar* foi associada por Belletti & Rizzi (1988) à hipótese do sujeito derivado: é conhecido que sujeitos derivados não aceitam a passiva. Entretanto, Cançado (1997) mostra, com argumentos bastante sólidos, que a hipótese do sujeito derivado não pode ser mantida. Além disso, se se reduz as Classes 3 e 4 ao tipo *preocupar*, como é habitualmente feito, essa hipótese não explicaria a admissão da passiva sintática em (77)a e (78)a, nem explicaria o comportamento contrastivo que se nota com a passiva adjetival, opondo as Classes 1 e 3 às Classes 2 e 4.



Seguindo a análise, a hipótese é que existem relações de ordem semântica para que ocorra o processo morfológico de passivização: quando o papel temático do argumento externo acarretar controle ou desencadeamento direto do processo,<sup>9</sup> teremos a passiva. Como no caso dos verbos das Classes 1, 3 e 4 que ocorrerá o processo de passivização.<sup>10</sup> Ao contrário, na classe do verbo *preocupar*, em que a passiva sintática não é permitida, o argumento externo não acarreta o controle sobre o processo, nem o desencadeamento direto do processo. Vejamos alguns fatos que reforçam essa hipótese. Primeiramente, ilustremos com algumas sentenças que aceitam a passiva:

- (79) a. Rosa quebrou a jarra com um martelo.  
b. A jarra foi quebrada por Rosa.  
c. O vento quebrou a roseira.  
d. A roseira foi quebrada pelo vento.

Em (79) a, o argumento externo *Rosa* em composição com o adjunto *um martelo* acarreta o controle do processo; portanto, temos a passiva em b. Já em c, o argumento externo *o vento* não acarreta o controle, mas acarreta desencadear o processo diretamente; o que também licencia a passiva, como é o caso de d.

Agora, vejamos exemplos em que a passiva não pode ser licenciada. Alguns verbos estativos, que selecionam um sujeito objeto estativo que não acarreta controle, não admitem a passiva:

- (80) a. A elaboração desta tese me custou alguns anos de esforço.  
b. \*Alguns anos de esforço me foram custados pela elaboração desta tese.

---

<sup>9</sup> Podemos pensar em desencadeador direto como aquele em que não existe mediação de uma ação, processo, ou mesmo um estado entre o causador e o causado (i). Por outro lado, se houver alguma mediação entre a causa e o causado, temos uma causa indireta (ii) (veja Shibatani 1976):

- (i) O sol queimou a plantação.  
(ii) Falar muito levou Maria à ruína.

<sup>10</sup> Essa não é a única condição semântica para que ocorra o processo de passivização. Moreira (2000) mostra que alguns verbos estativos também aceitam a passiva.

Uma argumentação também interessante pode ser mostrada com um papel como o beneficiário, que tem um comportamento similar ao do experienciador. Alguns deles não são compatíveis com controle, e não admitem a passiva. Vejam a interpretação das orações em (81):

- (81) a. O fazendeiro mereceu os cem alqueires de terra.  
b. \*Cem alqueires de terra foram merecidos pelo fazendeiro.

Entretanto, vários argumentos-beneficiários são compatíveis com traços de controle. E admitem passiva:

- (82) a. O rapaz recebeu a mercadoria esperada.  
b. A mercadoria esperada foi recebida pelo rapaz.

Observem, porém, que a ausência presumida de controle torna muito estranha a construção passiva:

- (83) a. Sam recebeu uma rasteira do colega.  
b.??? A rasteira foi recebida do colega por Sam.

Entretanto, torna-se bem aceitável se um adjunto reintroduz, composicionalmente, a pressuposição de controle:

- (84) A rasteira foi recebida do colega, por Sam, como uma prova de amizade.

Também seria o caso dos exemplos abaixo. A sentença *a* em que o sujeito não acarreta controle, não licencia a passiva; já em *b*, o sujeito acarreta controle, conseqüentemente, ocorre a passiva:

- (85) a. João possui uma casa.  
b. \*A casa é possuída por João.  
c. O diabo possuiu o homem.

d. O homem foi possuído pelo diabo.

Mesmo alguns verbos transitivo-ativos, quando se empregam em contextos restritos em uma interpretação causativa e de não controle, têm passivas muito estranhas ou perdem essa interpretação na passiva:

- (86) a. Esses alunos ainda vão me matar com essas besteiras.  
b. ?? Eu ainda vou ser morto por esses alunos com essas besteiras.
- (87) a. João quebrou a janela com o empurrão que o irmão lhe deu.  
b. ?? A janela foi quebrada por João com o empurrão que o irmão lhe deu.

#### *4.3.3 Causativas Encabeçadas e pro Arbitrário*

Observem que, como as passivas, o critério de admissão ou não das causativas encabeçadas e o critério de admissão ou não de um *pro* arbitrário estabelecem a mesma divisão em classes dos verbos psicológicos – de um lado os verbos das Classes 1, 3 e 4, de outro os verbos da Classe 2. Tendemos, pois, a pensar que o mesmo critério para a admissão e restrição da passiva está em jogo, ou seja, acarretar o controle ou a causação direta. Vejamos, pois, se essa é a direção correta.

Sobre o critério das causativas encabeçadas, vejamos os exemplos:

- (88) a. Paulo fez José temer o cachorro.  
b. O tenente fez a polícia acalmar a multidão.  
c. Paulo fez Maria animar José.

Podemos dizer que as orações acima parecem muito melhores que:

- (89) ?? O pai fez Rosa preocupar a mãe.

O envolvimento do acarretamento de controle associado ao argumento externo parece confirmar-se com o contraste entre:

- (90) a. Paulo fez o rapaz receber as mercadorias.  
b. ?? Paulo fez Sam receber uma rasteira dos colegas.  
c. A ira fez o diabo possuir o homem.  
d. \*A ira fez o homem possuir uma casa.

O que podemos concluir dos exemplos acima é que, seguindo a passiva, as construções causativas encabeçadas dependem restritivamente do acarretamento controle atribuído ou não às construções envolvidas.

Já no caso da admissão ou exclusão do *pro* arbitrário, isto é, de um sujeito indeterminado marcado pela flexão verbal da 3a. pessoa do plural, a razão parece ser outra. Primeiro, é preciso observar que ausência de controle pode ser minimizada em contextos muito específicos (lingüísticos e situacionais). Observem-se os exemplos, contextualizados para facilitar a compreensão:

- (91) Os interlocutores ouvem um ruído no andar superior e um deles enuncia:  
a. Caíram lá em cima.  
b. Eu avisei que estão num chão muito liso lá em cima.

Nem o predicador *cair lá em cima*, nem *estar em um chão muito liso* acarretam controle do argumento paciente ou objeto-estativo, embora compatíveis com um sujeito animado. Entretanto, nesse contexto restrito, as duas orações são possíveis, devendo, porém, interpretar-se necessariamente como sendo [+animado] ou introduzir no contexto um certo grau de controle: “eles, quem quer que seja, deveriam ter levado em conta meu aviso”.

Não é diferente o caso dos verbos do tipo *preocupar*. Obviamente, o fato de associarmos ao seu argumento externo somente a propriedade de ser um desencadeador tem como consequência a limitação do emprego de um *pro* arbitrário a contextos muito restritos. A propriedade semântica necessariamente em jogo é, porém, a de poder interpretar-se o sujeito indeterminado como animado:

- (92) Não fizeram nada para nós na comissão; só preocuparam mais a gente com tantas novas exigências.

## 5. Conclusão

Este artigo teve a intenção de mostrar que, usando uma teoria semântica como a *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*, podemos resolver os possíveis problemas atribuídos à classe dos verbos chamados psicológicos. Mostrei que, se usarmos uma definição mais rigorosa de papéis temáticos, não vamos encontrar uma inversão dos papéis temáticos de tema/experienciador nas realizações sintáticas desses verbos, mas sim distintos papéis temáticos que obedecem a hierarquia para a sua projeção sobre a sintaxe. Em realidade, os papéis de tema e experienciador são apenas etiquetas descritivas, sem nenhum rigor teórico. O Tema é um papel *default*, facilmente substituível por vários outros papéis em uma análise mais rigorosa dos papéis temáticos. E o experienciador é uma etiqueta que reúne vários papéis temáticos que têm a propriedade “estado psicológico” em comum. Em relação à ligação excepcional de anáforas, como já havia sido mostrado em Cançado e Franchi (1999), não se trata de um problema exclusivo dos verbos psicológicos, como aponta a literatura. Mostramos que existem várias outras classes semânticas de verbos do português brasileiro que também aceitam esse tipo de ligação. Empiricamente, também ficou evidenciado que não existem apenas duas, mas quatro classes de verbos psicológicos para o português brasileiro. Além disso, pudemos constatar a relação entre propriedades sintáticas e propriedades semânticas. Por exemplo, a ergativização, passivização e causativas encabeçadas são processos sensíveis às propriedades semânticas de afetação e desencadeamento com controle. Também, o licenciamento de um *pro* arbitrário na posição de sujeito depende da propriedade ser animado. Portanto, o que vemos com os dados e análises aqui mostrados é que uma proposta de semântica autônoma, como a *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*, é inteiramente viável do ponto de vista empírico.

## Referências

- Anderson, M. 1979. *Noun Phrase Structure*. [Doctoral Dissertation]. University of Connecticut.
- BAKER, M. 1988. *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- BARWISE, J. & J. Perry. 1983. *Situations and Attitudes*. Cambridge: MIT Press.

- BELLETTI, A. & L. Rizzi. 1988. "Psych Verbs and Theta-Theory". *Natural Language and Linguistic Theory* 6: 291-352.
- BRESNAN, J. & J. Kanerva. 1989. "Locative Inversion in Chichewa: a Case Study of Factorization in Grammar". *Linguistic Inquiry* 20: 1-5.
- CANÇADO, M. 1995a. *Verbos Psicológicos: A Relevância dos Papéis Temáticos Vistos sob a Ótica de uma Semântica Representacional*. [Tese de Doutorado]. Campinas: UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. 1995b. "A Teoria da Proeminência de Grimshaw e os Psico-Verbos do Português Brasileiro". *DELTA* 11:2. 279-299.
- \_\_\_\_\_. 1996. "Verbos Psicológicos: Análise Descritiva dos Dados do Português Brasileiro". *Revista de Estudos da Linguagem* 4: 1.
- \_\_\_\_\_. 1997. "Os Psico-Verbos do Português Brasileiro e a Hipótese Inacusativa de B&R: Indícios para uma Proposta Semântica". *DELTA* 13: 1. 119-139.
- \_\_\_\_\_. 2000a. "O Lugar da Semântica em uma Teoria Gramatical". *Estudos Linguísticos* 29: 67-78.
- \_\_\_\_\_. 2000b. "O Papel do Léxico em uma Teoria dos Papéis Temáticos". *DELTA* 16: 2. 297-321.
- \_\_\_\_\_. 2001a. "Uma Revisão da Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos". [Manuscrito em Viotti e Negrão (Eds.), em preparação].
- \_\_\_\_\_. 2001b. "A Hierarquia Temática e o Português Brasileiro". [Manuscrito submetido à publicação]. Rutgers University/UFMG.
- \_\_\_\_\_. 2002a. "A New Approach for the Thematic Hierarchy Principle". [Manuscrito submetido à publicação]. Rutgers University/UFMG.
- \_\_\_\_\_. 2002b (em preparação). "Psych-verbs: A Semantic Approach". [Manuscrito]. Rutgers University/UFMG.
- CANÇADO, M. & C. Franchi. 1999. "Exceptional Binding with Psych-Verbs?". *Linguistic Inquiry* 30: 1. 133-143.
- CARRIER-DUNCAN. 1985. "Linking of Thematic Roles in Derivational Word Formation". *Linguistic Inquiry* 16: 1. 1-34.
- CHIERCHIA, G. 1989. "Structured Meanings". *Properties, Types and Meaning. Studies in Linguistic and Philosophy 2 (Semantic Issues)* ed. por Chierchia, Hall-Partee e Turner, 131-166. Dordrecht: Kluwer.
- CHIERCHIA, G. & McConnell-Ginet. 1992. *Meaning and Grammar: An Introduction to Semantics*. Cambridge: MIT Press.
- CHOMSKY, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

- CINQUE, G. 1980. "On Extraction from NP in Italian". *Journal of Italian Linguistics* 5: 47-99.
- CULICOVER, P. W. 1988. "Autonomy, Predication, and Thematic Relations". *Syntax and Semantics* 21 (*Thematic Roles*) ed. por W. Wilkins, 37-61. New York: Academic Press.
- CULICOVER, P. W. & W. Wilkins. 1986. "Control, PRO, and the Projection Principle". *Language* 62:120-153.
- DOWTY, D. R. 1989. "On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role". *Properties, Types and Meaning. Studies in Linguistic and Philosophy* 2 (*Semantic Issues*), ed. por Chierchia, Hall-Partee e Turner, 69-129. Daordrecht: Kluwer.
- \_\_\_\_\_. 1991. "Thematic Proto-Roles and Argument Selection". *Language* 67: 547-619.
- FILLMORE, C. 1968. "The Case for Case". *Universals in Linguistic Theory*. ed. por E. Bach e R. Harms. New York: Holt, Rinnehart and Winston.
- FOLEY, W. A. & R. D. Van Valin Junior. 1984. *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FRANCHI, C. 1975. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. [Tese de Doutorado]. Campinas: IEL-UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. 1994a. "Anotações sobre a Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos". [Manuscrito]. Campinas: UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. 1994b. "Anotações sobre o Princípio da Hierarquia Temática". [Manuscrito]. Campinas: UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. 1997. "Predicação". [Manuscrito]. Campinas: UNICAMP.
- FRANCHI, C. e M. Caçado. 1997a. "Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos". [Manuscrito]. Campinas/Belo Horizonte: UNICAMP/UFMG.
- \_\_\_\_\_. 1997b. "Reexame da Noção de Hierarquia Temática". [Manuscrito]. Campinas/Belo Horizonte: UNICAMP/UFMG.
- GIORGI, A. 1984. "Toward a Theory of Long Distance Anaphors: A GB Approach". *Linguistic Review* 3: 307-361.
- GIORGI, A. & Longobardi. 1991. *The Syntax of Noun Phrases*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GRIMSHAW, J. 1990. *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press.
- HIGGINBOTHAM, J. 1985. "On Semantics". *Linguistic Inquiry* 16: 547-593.
- HUDSON, R. 1992. "Raising in Syntax, Semantics and Cognition". *Thematic Structure. Its Role in Grammar*. ed. por I. M. Rocca, 175-198. New York: Foris.

- Jackendoff, R. 1972. *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1976. "Toward an Explanatory Semantic Representation". *Linguistic Inquiry* 7: 89-150.
- \_\_\_\_\_. 1983. *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1987a. *Consciousness and Computational Mind*. Cambridge: MIT Press.
- \_\_\_\_\_. 1987b. "The Status of Thematic Relations in Linguistic Theory". *Linguistic Inquiry* 18: 369-411.
- \_\_\_\_\_. 1990. *Semantic Structures*. Cambridge: MIT Press.
- LEGENDRE, G. 1989. "Inversion with Certain French Experiencer Verbs". *Language* 65: 752-782.
- LEVIN, B. 1989. *Towards a Lexical Organization of English Verbs*. Evanston: Northwestern University.
- MARANTZ, A. P. 1984. *On the Nature of Grammatical Relations*. Cambridge: MIT Press.
- MOREIRA, C. 2000. *Princípio de Ligação Sintaxe/Semântica: Construções Estativas*. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- OLIVEIRA, M. E. M. 1979. *Syntaxe des Verbes Psychologiques du Portugais*. [Tese de Doutorado, reeditada em *Textos de Linguística* 7. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa em 1984]. Université de Paris VII.
- PESETSKY, D. 1987. "Binding Problems with Experiencer Verbs". *Linguistic Inquiry* 18: 126-140.
- POSTAL, P. 1971. *Cross Over Phenomena*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- RUWET, N. 1972. "A Propos d'une Classe de Verbes Psychologiques". *Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français*. Paris: Editions du Seuil.
- SHIBATANI, M. 1976. "The Grammar of Causative Constructions: a Conspectus". *Syntax and Semantics* 6 (*The Grammar of Causative Constructions*) ed. por Masayoshi Shibatani, 37-61. New York: Academic Press
- SILVA, E. 2002. *Construções Locativas e a Hierarquia Temática*. [Dissertação de Mestrado]. Belo Horizonte: UFMG.
- TORREGO, E. 1985. "On Empty Categories in Nominals". [Manuscrito]. Cambridge: University of Massachusetts.



- VAN VOORST, J. 1992. "The Aspectual Semantics of Psychological Verbs". *Linguistics and Philosophy* 15: 65-92.
- WHITAKER-FRANCHI, R. C. M. 1989. *As Construções Ergativas: Um Estudo Sintático e Semântico*. [Dissertação de Mestrado]. Campinas: UNICAMP.
- ZUBIZARRETA, M. L. 1992. "The Lexical Encoding of Scope Relations among Arguments". *Syntax and Semantics: Syntax and the Lexicon*. ed. por E. Wehrli T. Stowell, 211-258. New York: Academic Press.